



A CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO EM “A CASA DA MADRINHA”: DO IMAGINÁRIO AO REAL

Amanda Feliciano de Melo ¹(1); Ana Karennina da Silva Aruda² (2); Aluska Silva Carvalho³ (3)

Universidade Federal de Campina Grande, amandamello675@gmail.com

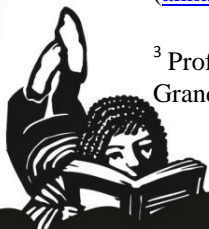
Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a construção do fantástico na obra “A casa da Madrinha”, de Lygia Bojunga Nunes, observando as possíveis implicações de sentido presentes na escrita da autora, referente ao imaginário e a forma representativa do real, explorando os efeitos de sentidos através da experiência lúdica do leitor. Desse modo, entende-se que o elemento fantástico é de fundamental importância para evidenciar os múltiplos sentidos da obra, uma vez que desempenha uma criação simbólica, provocando a compreensão de si mesmo, do outro e do mundo que o cerca – visto que a narrativa utiliza a criação do fantástico para representar a magnitude das criações humanas, sejam elas reais ou imaginárias. Buscaram-se como aporte teórico, para a realização deste trabalho, reflexões que enfocam a literatura infantil Junior, 2009; Sandroni, 2011; Cademartori, 1986 e os aspectos da literatura fantástica Maciel, 2014. Diante da análise realizada a partir do livro “A casa da madrinha” pode-se apresentar como resultados que Bojunga procura englobar o máximo da realidade humana/social em sua escrita - fator perceptível na obra lida, desde as lutas diárias, alegrias, tristezas, dores, esperanças e medos, bem como utilizando o recurso da fantasia e do real como um jogo entre o possível e o impossível. Portanto, a obra se constitui por um caminho que contribui para os estudos na Literatura Infanto-Juvenil, destinada a apresentação da literatura para a criança, uma produção literária abordando o mundo fantástico elaborado e presente na imaginação.

Palavras-chave: Fantástico, real, efeitos de sentido, leitor.

¹ Graduanda em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal de Campina Grande- UFCG. (amandamello65@gmail.com)

² Graduanda em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal de Campina Grande- UFCG. (annakarennina6@gmail.com)

³ Professora mestre em Linguagens e Ensino (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal de Campina Grande- UFCG. (aluska.silva@yahoo.com)





1. INTRODUÇÃO

A literatura nos permite ver como fosse pela primeira vez, transformando, com um novo olhar, o que já foi visto. Ela não trabalha com a homogeneidade, pois a linguagem literária é plural por essência e a obra literária é plurissignificativa, principalmente na literatura infanto-juvenil – sonhos são transparecidos, o imaginário, o real, o possível e o impossível são postos lado a lado, expressando uma determinada experiência humana – experiências estas, dotadas de ideias e valores (ou desvalores) sobre as quais determinada sociedade representada se baseia.

Para o referente trabalho, objetivamos analisar como a construção do real é apresentada na obra "*A casa da madrinha*", da autora Lygia Bojunga a partir de perspectivas imaginárias. É difícil falar das obras da autora sem fazer uma associação com a sua contribuição para a mudança da literatura infantil no Brasil e no mundo. Para esse fim, serão discutidos pontos relevantes para uma análise literária, desenvolvida de forma interligada com alguns trechos da obra. Para a realização da mesma será observado alguns possíveis efeitos de sentidos e as plurissignificações presentes na escrita da autora bem como os impactos, positivos e negativos, as abordagens da realidade camuflada acarreta no universo infantil, como também no adulto.

Partindo da concepção de que a autora utiliza na escrita de suas obras uma linguagem consideravelmente próxima do público infantil, trabalhando com fatos acentuados da realidade social de forma lúdica, metafórica e imagética, é perceptível uma aproximação entre o estilo de Monteiro Lobato e Lygia Bojunga. Ambos possuem diversos aspectos literários entre si, concepção de mundo e concepção do sujeito criança. Baseamo-nos, portanto, em aportes teóricos que enfocam a literatura infantil tais como Júnior, (2009); Sandroni, (2011); Cadermatori, (1986) e os aspectos da literatura fantástica com Marciel, (2014).

2. AS INFLUÊNCIAS DE MONTEIRO LOBATO NA ESCRITA DE LYGIA BONJUNGA

Foi em meados dos séculos XIX que as primeiras obras da literatura infantil começaram a expandir no Brasil, rapidamente incorporadas pela classe burguesa da





VII ENLIJE

época. Casualmente, o surgimento desse tipo de literatura veio à tona no momento em que o país passava por um período de adaptações morais e de uma república recente proclamada. Tratava-se de uma literatura tardia, voltada para os valores patriarcais, éticos e cívicos, adotando uma concepção de criança como um sujeito adulto. Assim, os primeiros contatos com a literatura infantil não foram propícios para a realidade das crianças, pois o que eram oferecidos reprimiam sua imaginação, provocando o desinteresse, pois o que era dito não fazia parte do seu mundo.

Somente com a ruptura desses modelos, na época do governo de Vargas, a criança começa a ser vista como indivíduo diferente do adulto, possuidora de um universo particular. Essa ruptura dos padrões, inicialmente estabelecidos, acontece através da luta contra a estrutura oligárquica de um nacionalismo vigente e o desejo por um país moderno, defendido nitidamente pelo grande intelectual Monteiro Lobato. O escritor não se conformava com as obras divulgadas, pois, para ele nada pertencia ao universo infantil, tudo altamente rebuscado, longe do que é mágico e imaginário - do mundo ficcional. Como afirma Sandroni (2011), Lobato estabelece uma relação do mundo mágico e o real em uma ótica adequada ao psicológico infantil, mostrando que não há indistinção entre o ser real e imaginário.

A escritora Lygia Bojunga Nunes, torna-se sucessora de Monteiro Lobato na Literatura infantil, a qual se enquadra no grupo de autores que defenderam o movimento de inovação artística na década de 1970 no Brasil. A autora se destacou dentre tantos por sua intelectualidade e percepção de mundo, tanto do universo infantil quanto do mundo dos adultos, até porque sua literatura não delimita o leitor pela idade. Semelhante a Lobato, ela utiliza de animais e objetos personificados para representar um determinado tipo na sociedade, simbolizando conflitos relacionados à realidade e ao momento histórico de cada época.

É notório, no decorrer da leitura de sua(s) obra(s), a estratégia que Bojunga possui ao considerar as crianças como indivíduos em desenvolvimento, introduzindo-as em diferentes conhecimentos de mundos, através do lúdico, do humor, da linguagem inovadora e poética, a ponto de levá-las à natureza crítica e reflexiva, a fim de contribuir para a formação enquanto sujeitos. A autora utiliza características metafóricas, de carga polissêmica considerável, possibilitando diversidade de leitura em uma mesma obra.

Em conformidade com a concepção de Sandroni (2011), sabemos que Monteiro Lobato se posicionou contrário ao uso de uma linguagem "áspera", longe do universo da





criança, e passou a introduzi-la, em seus escritos, o coloquialismo típico da linguagem propriamente falada, não muito diferente de Lygia Bojunga. Em suas obras, a linguagem que a autora trabalha torna-se mais próxima do cotidiano da criança, pois, semelhante a Lobato, Bojunga opta por um linguajar mais fácil, menos informal, sem rebuscamento, tornando melhor a compreensão infantil.

Diante das características enfatizadas em torno das obras de Bojunga em consonância com as obras de Monteiro Lobato, é considerável afirmar que ambos possuem uma perfeita harmonia entre a concepção de mundo infantil e o universo que o compõe. Ambos defendem a ideia de que é possível trabalhar o real dentro do imaginário e o lúdico – fantasias e brincadeiras do universo infantil (e, por que não do adulto?) realizam um discurso engajado longe de regras morais.

Logo, por meio de grande confluência entre Lobato e Bojunga, percebemos que eles conseguem transpassar para o universo infantil, e também dos adultos, que os problemas existentes podem ser contornados, que aprender é estimulante e divertido, que não se pode privar ninguém de pensar e, muito menos de sonhar, além disso, que a criança pode ser autônoma e responsável por aquilo que costumamos rotular como “coisa de adultos” – fatores estes que serão realçados na obra em análise.

3. "A CASA DA MADRINHA" E O FANTÁSTICO COMO ESCAPATÓRIA DO REAL

O livro “*A casa da madrinha*”, de Lygia Bojunga Nunes, quarta obra da autora, publicada em 1978, conserva a apreensão tanto da realidade como da fantasia, uma característica comum na escrita de Bojunga. Embora “*A casa da Madrinha*” seja uma das obras que possuem uma temática envolvendo problemas sociais, descrevendo um mundo fantástico, em que um menino decide encontrar a casa da sua madrinha, a leitura do livro proporciona algumas reflexões sobre como a dura realidade enfrentada pelo protagonista Alexandre pode ser vista por outro ângulo – a fantasia.

A casa da madrinha representa a escrita sofisticada de Lygia Bojunga Nunes, pensando no seu leitor e na qualidade do seu texto. As críticas feitas por Lygia Bojunga Nunes no livro são colocadas de forma sutil, revelando o refinamento da sua linguagem simples, próxima das crianças, fugindo da norma culta e com a inserção de gírias,





linguagem característica do cotidiano do universo infantil. O narrador em terceira pessoa procura sempre explicar o que está acontecendo na história, enfatizando os fatos passados para tornar as ações do presente claras. Desse modo o tempo na narrativa é não linear sempre retornando para o passado, mesmo que os acontecimentos possuam uma sucessão temporal objetiva.

Autora de grandes obras, o livro em análise destaca situações problemáticas levantadas na narrativa e a complexidade das ações de algumas crianças inseridas em situações de risco. Alexandre, um menino pobre que vende amendoim para ajudar a família financeiramente, decide ir visitar sozinho a casa da sua madrinha, esta nunca vista antes. No caminho encontra um Pavão e uma menina chamada Vera, responsáveis pelo desencadear da história, uma vez que sempre indagam sobre a vida de Alexandre.

O conflito da história gira em torno da saída de Alexandre da sua casa para ir à casa de sua madrinha. Madrinha esta, inventada nas histórias que Augusto, seu irmão, contava-lhe durante a noite antes de dormir. Oriundo de uma família pobre, que desde pequeno trabalhava na praia com seus irmãos, a possibilidade de ter outra vida, uma melhor, era quase nula, tendo em vista que até o direito de ir à escola foi retirado do menino, pois precisava trabalhar.

Com isso, o que impulsiona Alexandre a procurar a casa da madrinha é essa possibilidade de ter uma vida melhor, com roupas novas, com comida todo o momento, sem precisar trabalhar para conseguir algo. Sandroni (2011) ressalta sobre essa temática realista presente na obra, em perfeita harmonia com o mundo infantil. A autora afirma que permanecer apenas numa fantasia estéril não tem sentido no mundo de hoje. Situar-se criticamente ante a realidade usando para isso as oportunidades abertas pelo mundo mágico é o caminho que Lygia Bojunga vem percorrendo com imensa capacidade.

- Pois é. E sabe? Na cozinha tem outro armário igualzinho. Só que pintado de branco. O que sai lá de dentro, ah, nem é bom pensar.
- Ruim? Ruim é aqui que a gente vive pensando se sai comida ou não.
- Por falar nisso, Augusto, tô com um buraco danado na barriga
- Dorme que o buraco passa
- Primeiro conta o que sai do armário
- Bom, acontece que o armário branco nunca tá afim de ver a gente com um buraco na barriga; então, é só a gente abrir ele, que sai pão, sai bolo, si biscoito... (NUNES, 1992, p.46).

Sendo essas as necessidades básicas de uma criança, a casa da madrinha representa para Alexandre a fuga da realidade em que vive, sendo este, tal como afirma





Marciel (2014), dotado de uma liberdade imaginativa capaz de criar mundos maravilhosos, sem limites e sem responsabilidades impostas pelas leis morais e pelos adultos. É perceptível ver a autonomia que Alexandre passa a ter quando nos deparamos com sua coragem ao ir em busca da casa da madrinha, até porque as histórias contadas por Augusto alimentam as fantasias de Alexandre, ajudando-o a lidar com as dificuldades ao seu redor, desde seus medos até sua realidade financeira. Assim, Alexandre pode constituir-se como sujeito autônomo, maior que as aflições vividas, e visualizar possibilidades novas com relação à dinâmica social.

- Mas, então... Escuta, sempre que eu tô com medo do escuro, de ficar sozinho, de trabalhar, de uma porção de coisas, você me diz que o medo tá ganhando de mim, não diz?
- digo.
- E um dia quanto eu te perguntei quando é que ia ganhar dele você disse que era quando eu tivesse a chave da casa no bolso. Agora você tá me dizendo que a chave é minha, então tá na hora de eu começar a ganhar do medo, não tá não? Heim? Augusto. [...]
- Eu falei *chave no bolso*. [...] ela ainda tá lá dentro da flor.
- Mas, então a gente precisa ir lá pra pegar. (BOJUNGA, 1992, p. 43-44)

Em contrapartida, a personagem Vera representa aquela criança que possui estrutura familiar conforme padrões tradicionais da sociedade, com pais que trabalham para manter a família e que, conseqüentemente, como observado no trecho abaixo, não tem necessidades socioeconômicas como Alexandre.

- Vera levantou de repente:
- Eu tenho que ir, já tô atrasada; eu disse pra minha mãe que eu só vinha um instantinho.
 - Ah, fica mais.
 - Ela tá me esperando; me dá uma aflição danada quando eles tão me esperando.
 - Você só tem escola de tarde, não é?
 - Mas hoje é dia de ir com minha mãe comprar comida. Meu pai vai levar flor pro mercado e a gente aproveita a carona. (NUNES, 1992, p.53)

O tema da problemática social engloba toda a narrativa, uma vez que Alexandre e Vera se distinguem nos aspectos da figura dos pais na vida da criança, do início da história ao fim, com a saída de Alexandre da propriedade dos pais de Vera, ainda sem um acompanhante adulto - fato que serviu de empecilho para continuar sua estadia.

Verificamos ainda que, na obra, Bojunga (1985) conecta um mundo construído de aspectos reais com um mundo imaginativo demonstrando que essas fronteiras proporcionam inúmeras possibilidades de viver através do real e o irreal, algo singular e possível, principalmente quando consideramos *a casa* da madrinha como





VII ENLIJE

abrigo dos sonhos de Alexandre, uma vez que ela permite sonhar em paz. A fantasia é um recurso para a criança encontrar-se e orientar-se diante dos seus conflitos, a possibilidade de enfrentar o medo vendo a possibilidade de criar, ou seja, de inventar uma realidade que o medo não se faz presente e, desse modo, voltar à realidade percebendo que se pode enfrentá-lo.

3.1 “A CASA DA MADRINHA” E O UNIVERSO INFANTIL X UNIVERSO ADULTO

Na obra, os pais de Vera acreditam que a “casa da madrinha” é uma fantasia inatingível.

- [...] foi teu pai e tua mãe que falaram que tá na cara que não tenho madrinha nenhuma?
- Foi. [...]
- Nem tô mais interessado. Já tinham me avisado que gente grande tem uma inveja danada de madrinha de gente pequeno. (BOJUNGA, 1992, p.74-75)

Conforme Marciel (2014), percebemos que, por meio dos pais de Vera, é representada a maneira como os adultos, na maioria das vezes, não expressam sua capacidade de imaginar, limitando o espaço das crianças em almejar outras possibilidades/visão daquilo que vivem. Todavia, Alexandre não desacredita do seu imaginário e adota a ideia de que “gente grande” não acredita em madrinha – até porque madrinha só dá atenção para afilhado pequeno, e o adulto tem inveja de “gente pequena”.

Deste modo, podemos refletir como os adultos, algumas vezes, dispensam de suas vidas aquilo que é essencial para as crianças, deixando de estimular a imaginação, organização de sentimentos, personalidade e compreensão (e principalmente solução) para algumas dificuldades enfrentadas na realidade da criança. Porém, a autora ressalta que, diferente do adulto, as crianças “estão naturalmente abertas à fantasia” (MARCIEL, 2014, p.77), o que levou Alexandre a não cogitar a possibilidade de sua madrinha não existir. Assim, é justamente na companhia de Vera que Alexandre é impulsionado a realizar sua fantasia em detalhes. Ele propõe:

- Vamos andar a cavalo?
 - Onde é que tem cavalo?
 - A gente inventa um.
- Ela olhou o relógio. Ele pegou uma folha e tapou o mostrador. Ela riu; ele repetiu:





VII ENLIJE

- A gente inventa um cavalo.
- Então tá. Como é que ele vai ser?
Amarelo.

- Ele podia ser todo amarelo mas com o rabo cor de laranja.
- Certo.
- Ele vai ter asa?
- Pra quê?
- Pra gente sair logo voando.
- Nem vai precisar, ele vai ser bom de galope.
- E como é que ele vai se chamar?
- Ah.
- O quê?
- Ah.
- Ah?
- Mas não Ahsim! Ele se chama um Ah gritado. Com força. Assim, ó:
Aaaaaaaaah! Não tá acreditando? Chama só pra você ver.
(...)
Aaaaaaaaah! E o cavalo apareceu. (NUNES, 1992, p. 76)

Dessa forma, os dois criam um cavalo imaginário chamado Ah!, e Alexandre, Vera, e o Pavão, sobem nele e saem em direção a cerca divisória do limite do sítio, um lugar desconhecido para os dois – cerca esta que, metaforicamente, Marciel (2014) considera como a representação dos limites estabelecidos pelos adultos na vida da criança – muito bem representado na obra pelas posturas dos pais de Vera, e/ou pela passagem do entre o real e a fantasia, mas, que, todavia, as crianças possuem autonomia de ultrapassá-la por meio do “poder” fantástico. Assim, ao pularem a cerca o cavalo começa a se desfazer e os três ficam em um escuro completo. Mas, através do fantástico elucidado na vida das crianças, para superar o medo da escuridão (o real/impossibilidade/limite do adulto), começaram a desenhar com giz o sol, um rio, até o próprio medo, por fim uma porta. Quando abriram a porta estava o Ah que seguiu com eles por uma estrada. Em uma curva na estrada, encontraram, surpreendentemente, a casa da madrinha. Ela podia ser vista assim como foi descrita por Augusto.

Visto isso, é perceptível que, por meio da fantasia, como afirma Marciel, (2014), Alexandre percebe que é possível ir além dos limites impostos socialmente e, conseqüentemente, Vera também passa a vivenciar essa experiência mesmo com restrições constantes de seus pais, como no trecho: “Minha mãe e meu pai [...] me deram esse relógio de natal. Grandão assim pra toda hora eu ver a hora e não atrasar nunca mais” (BOJUNGA, 1985, p. 53). [...]. Alexandre, antes de ir embora, convida Vera para andar a cavalo, mas ela preocupada com a hora não consegue imaginar essa possibilidade, “Ela olhou o relógio. Ele pegou uma folha e tapou o mostrador. Ela riu; ele repetiu: – A gente inventa um cavalo” (BOJUNGA, 1985, p. 76). Sendo assim,





podemos afirmar, baseando-se nas concepções da autora, que as histórias contadas por Augusto ao protagonista Alexandre funcionavam para alimentar suas fantasias, fazendo-o acreditar na possibilidade de encontrar a casa de sua madrinha e realizar todos os desejos até então irrealizáveis, tais como uma casa confortável e sossegada, roupas limpa, comida, além de ajuda-lo a lidar com as dificuldades ao seu redor – medos e realidade financeira.

Ao chegar à porta da casa, percebendo que a madrinha não estava em casa. “– A tua madrinha acho melhor: se você chega de repente e a casa ta fechada, não tem problema nenhum, é só abrir a porta e entrar.” (BOJUNGA, 1992, p. 43) Então, Alexandre tirou a chave de dentro da flor e entrou na casa. Parece que, a partir desse acontecimento, Alexandre ganha a segurança de que necessita para viver, além de sentir total segurança de conviver com Vera, a menina que respeita suas fantasias e admirava-o na sua diferença. Além do mais, é incrível como o personagem se transforma durante toda essa história, o mesmo apresenta-se em um processo de amadurecimento e aparenta “encontrar” seu lugar no mundo e a compreensão do seu próprio “eu”.

No começo, ele conversara com Augusto: “Escuta, sempre que eu tô com medo do escuro, de ficar sozinho, de trabalhar, de uma porção de coisas, você diz que o medo tá ganhando de mim [...]. E quando um dia eu te perguntei quando é que eu ia ganhar dele você disse que era quando eu tivesse a chave da casa no bolso.” (BOJUNGA, 1992, p. 43). Mais uma vez, o trecho acima retorna para a descrição desse trabalho objetivando representar a ação de Alexandre ao encontrar, no próprio sonho, a chave para colocar no bolso e assim “ganhar do medo” – seja do escuro, de trabalhar nas ruas ou de sua realidade, vencer os limites, ser autônomo, além de considerar a flor como objeto norteador que guia Alexandre e Vera na fronteira percorrida entre o mundo real e o fantástico.

Portanto, conforme Marciel (2014), o espaço fantástico, sem restrições do universo limitador do adulto, é capaz de influenciar a construção de sujeitos. Nesse caso, Alexandre, por meio da fantasia se construiu como ser que também possui um lugar no mundo, até então proibido, vencendo os medos que o afligiam e encontrando novas perspectiva vistas como possibilidades de “controlar” a dinâmica social e os problemas enfrentados.





4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nessa análise, podemos constatar que a obra *A casa da madrinha* é constituída por um nítido universo imagético que, ao mesmo tempo, possui um teor realista assíduo. A obra é constituída por um caminho, entre muitos, que contribuem para os estudos de Literatura Infanto-juvenil, principalmente em sala de aula. É visto que, assim como Monteiro Lobato, a autora, no decorrer de sua obra, utiliza das palavras para representar muito bem toda a magnitude das criações humanas. Bojunga, semelhantemente a Lobato, procura englobar o máximo da realidade humana/social em sua escrita - fato perceptível na obra lida e analisada, desde as suas lutas diárias, alegrias, tristezas, dores, esperanças e medos, assim como do sonho, da fantasia, do real, do possível, do impossível.

Diante disso, podemos afirmar que a imagem de Alexandre, na “*A casa da madrinha*”, representa a vida de diversas crianças, muitas vezes silenciadas pelo medo, vitimadas pelas carências físicas e afetivas da cruel realidade humana. Não há dúvida de que a autora produz uma verdadeira intertextualidade entre o fantástico, o real e a autonomia do imaginário, como uma forma estratégica de descentralizar o moralismo, adotados muitas vezes por leitores equivocados literariamente, voltando-se para recriação de uma pedagogia infantil em diálogo com a literatura brasileira, além de apresentar liberdade imaginativa, uma infância capaz de criar mundos maravilhosos, sem limites e sem responsabilidades morais de “gente grande”.

Logo, Bojunga deixa evidente que não há idade para apreciar a literatura, inclusive a de caráter infanto-juvenil. Percebemos que colocar a chave no bolso, além de simbolizar a superação dos medos, dava segurança para Alexandre prosseguir. Como afirma Marciel (2014), é uma forma de resistir aos estatutos sociais, uma maneira de lutar por uma posição menos desprezível na sociedade, ou até mesmo utópica. Ele teve que passar por algumas circunstâncias para alcançar a sabedoria e poder pegar a chave.

Assim, mostra a necessidade que o homem tem de acreditar que hoje pode ser melhor que ontem e amanhã, mas para isso tem haver alguma renúncia, e que esses personagens, assim como nós seres humanos, não seriam os mesmo sem as fantasias – portanto, ela é necessária de alguma forma na vida do sujeito. Afinal, de algum modo, quem nunca precisou agir semelhantemente?





5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOJUNGA, Lygia. **A casa da Madrinha**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

JUNIOR, A. F. **Operadores de Leitura da Narrativa**. In: BONNICI, T; ZOLIN, L. O. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. Cap. 2.

CADERMATORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

MACIEL, Lilian Lima. **Espacialidades reais e fantásticas nas narrativas de Lygia Bojunga: uma leitura de A bolsa amarela, A casa da madrinha e o Sofá estampado**. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

SANDRONI, Laura. **Constância. De Lobato a Bojunga: as renações renovadas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 58 – 155.

